



A MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL NIGERIANA EM AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE

Lívia Karina da Silva¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a obra *As Alegrias da Maternidade* da nigeriana Buchi Emecheta, com a finalidade de verificar o papel imposto a mulher na sociedade patriarcal na Nigéria durante o seu período colonial do início do século XX até a década de 1950, sobretudo através da cultura do povo *igbo*, pertencente a Ibuza, no sul da Nigéria e a influência da colonização na vida dos personagens ao se deslocarem para a Lagos, na época a cidade mais desenvolvida do país. A obra reivindica um olhar a literatura nigeriana, e uma reflexão ao papel das mulheres, retratando através da narrativa ficcional temas comuns não exclusivamente em um momento histórico, mas que atravessam as barreiras das décadas se mostrando atuais. Em nossa pesquisa utilizamos como referencial teórico Akujobi (2011), Adichie (2014) e Beauvoir (2009).

Palavras-chave: Mulher, Colonialismo, Maternidade.

INTRODUÇÃO

Buchi Emecheta, nasceu em 1944 na cidade de Lagos, mas, viveu a sua infância na cidade de Ibuza. Uma de suas diversões durante a vida de menina era ouvir a tia e os parentes contarem história. Após grande persistência conseguiu ingressar em uma escola missionária e posteriormente ganhou uma bolsa em uma escola de elite em Lagos, durante esse período perdeu a sua mãe na morte e a responsabilidade sobre ela foi repassada entre parentes.

Ficou noiva aos 11 anos e aos 16 já estava casada, se mudaram para Londres onde seu marido ingressou em uma Universidade e como fruto do casamento teve cinco filhos. Presa a um marido abusivo e violento, dominado pelo desejo de controlar a esposa, não permitindo que ela ingressasse em uma faculdade e tornar-se por fim uma escritora, ele chegou a queimar rascunhos de um romance escrito por ela.

Aos 22 anos conseguiu o divórcio e criou os filhos sozinha, pois ele recusou a paternidade. Além de *Alegrias da Maternidade*, outros dois livros dela com caráter parcialmente autobiográficos estão disponíveis no Brasil: *No fundo do poço* (2019) e *Cidadã de Segunda Classe* (2018). Emecheta é uma inspiração para uma sequência de escritores nigerianos e em

¹Especialista em Língua Portuguesa e Produção Textual pela UNIVISA - Centro Universitário da Vitória de Santo Antão - PE, livia-karina@live.com;



suas obras representa, provoca inquietações e a repensar os efeitos do modelo patriarcal e do colonialismo, sobretudo na vida das mulheres.

As Alegrias da Maternidade, transcorre sobre a vida de Nnu Ego. A acompanhamos desde o momento de sua concepção até a sua morte. Filha de Nwokocha Agbafi, homem rico e igbo, perdeu a sua mãe ao nascer e fora criada por seu pai em uma cultura que as mulheres possuíam um único propósito, terem filhos, e darem continuidade ao nome do marido. Ela sonhava em cumprir com esse padrão da sociedade, ter um marido e seus filhos, e resumia as suas alegrias apenas a realização desse sonho.

Por meio da narrativa observamos que a posição atribuída a mulher é inferiorizada, servindo apenas como meio reprodutivo, sujeitas a submissão dos homens (pai, marido e filhos).

O objetivo da pesquisa é analisar trechos da obra que ressaltam o papel atribuído a mulher na sociedade patriarcal e como o colonialismo interferiu diretamente na alteração dos hábitos e valores do espaço.

Em nossa pesquisa utilizamos como referencial teórico da pesquisa, utilizamos Adichie (2014), Akujobi (2011) e Beauvoir (2009).

METODOLOGIA

O processo metodológico utilizado a princípio fora o bibliográfico, com o levantamento de autores que abordem o papel da mulher e negritude. Em seguida, uma pesquisa descritiva/explicativa através de análise de trechos da referida obra proporcionando ao pesquisador o desenvolvimento de conceitos e ideias no âmbito da literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mulher na sociedade patriarcal nigeriana em As Alegrias da Maternidade, de Buchi Emecheta

As Alegrias da Maternidade, transcorre sobre a vida de Nnu Ego desde o momento de sua concepção até a sua morte. Nnu Ego, filha do Nwokocha Agbafi, homem rico e igbo, perdeu a sua mãe ao nascer e fora criada por seu pai em uma cultura que as mulheres possuíam um único propósito, terem filhos, e darem continuidade ao nome do marido. Ela sonhava em



cumprir com esse padrão da sociedade, ter um marido e seus filhos, e resumia as suas alegrias apenas a realização desse sonho.

Nnu Ego casa-se com Amatokwu e após três anos não conseguiu gerar filhos, e uma mulher incapaz de gerar filhos era sempre a culpada pela infertilidade, e elas assumiam abertamente essa culpa, “tenho certeza de que a culpa é minha.” (EMECHETA, 2017, p. 46). Por não ser fértil, se tornou indesejada ao marido, a sedução estava atrelada a fertilidade, ao gerar filhos, a honra e ao seguimento do seu nome. Isso podemos ver através das palavras do Amatokwu: “Não tenho tempo para desperdiçar minha preciosa semente masculina com uma mulher estéril. Tenho que criar filhos para minha linhagem. Se você realmente quer saber, você já não me atrai. É seca e arisca.” (EMECHETA, 2017, p. 47).

Então, após desentendimentos com o marido, Nnu Ego retorna a viver com seu pai, e é dada em casamento a outro homem, Nnaife Ngozi, um *igbo*, que vive na cidade de Lagos, capital da Nigéria. Ela é obrigada a se deslocar a Lagos, e observa que se marido vive uma escravização disfarçada proveniente do modo de vida colonial. Pois, a vida naquele espaço é em prol dos brancos.

Nnaife trabalha como lavador de roupas, o que para Nnu Ego é um trabalho humilhante para os homens. Em busca da aceitação dos patrões, o marido da Nnu Ego se comporta como assimilado, canta músicas conhecidas pelos patrões, abandona a sua terra, se converte ao catolicismo, até pensa em se casar em uma igreja católica, reafirmando o poder do dominador sobre colonizado.

Os homens tinham o direito de possuir várias esposas e escravas, viviam casamentos poligâmicos, pois, o objetivo era a geração de filhos. O papel da mulher se resumia após do casamento em gerar filhos, filhos acima de tudo homens, criá-los, alimentá-los e repassar adiante o nome do seu marido, tudo isso era realizado em prol de ter uma velhice feliz, e ser cuidada pelos filhos. “Agora estava segura, enquanto dava banho no menininho e preparava a refeição do marido, de que teria uma velhice feliz, de que quando morresse deixaria alguém atrás de si que se referiria a ela como ‘mãe’” (EMECHETA, 2017, p. 76).

Ter filhos, estava atrelado ao não esquecimento, uma forma de dar continuidade a sua vida mesmo após a vida, e para ser aceita como uma mulher completa, determinando se há ou não a mulher o direito de ter um “enterro decente”. Evocando intertextualmente ao *O alegre canto da perdiz* da moçambicana Paulina Chiziane, “A obsessiva ideia da mulher mãe afasta a mulher estéril da categoria humana.” (CHIZIANE, 2008, p. 29), o desejo de ter filhos estava atrelado a reafirmação como pertencente a categoria “mulher”.



Então vemos que não apenas na Nigéria, mas em todo o continente africanos há a romantização do “ser mãe”, a maternidade é vista como um dom sagrado e necessário. O que está relacionado à visão ancestral comum no continente africano que coloca a mulher como a criadora:

Esses mitos sobre a mulher existem desde os tempos primordiais e autenticam a crença de que a maternidade é parte essencial do ser mulher, no contrário a mulher está vazia. Já não é segredo que a mulher nigeriana se considera uma mulher de verdade apenas quando prova ser fértil e a “auréola da maternidade” brilha sobre ela. Isso é comum para a maioria mulheres na África, onde o índice de maternidade é usado para definir as “verdadeiras” mulheres. (AKUJOBI, 2011, p.4)²

Uma mulher só seria reconhecida como “mulher completa” se tivesse filhos, principalmente filhos homens. Inclusive cumprir com esse padrão determinava o que seria feito a seu corpo após a morte, “como morrera na situação de ‘mulher completa’, seria enterrada no alojamento do marido.” (EMECHETA, 2017, p. 32). Se Nnu Ego não tivesse gerado filhos o seu corpo seria enviado a família do seu pai, para ser enterrado, sem o reconhecimento como pertencente ao marido.

Em um dado momento, Nnu Ego se viu obrigada a tirar as suas filhas da escola, a educação dos meninos era a sua prioridade. Então, passou a levar as gêmeas para trabalhar e elas realizavam as atividades domésticas. Quando a Nnu Ego solicitou que o Oshia a ajuda-se, ele se recusou veemente; “Não vou! Sou menino! Por que preciso ajudar na cozinha? Isso é trabalho de mulher! (EMECHETA, 2017, p. 177). Em detrimento da cultura, o machismo já enraizava no garoto, perpassando de geração em geração o estereótipo da função feminina.

A educação ser algo restrito aos homens, facilitava no processo de submissão feminina. Vemos isso através do marido de Taiwo, uma das gêmeas, filha da Nnu Ego, mesmo instruído ele preferiu casa-se com uma mulher analfabeta. “Embora tivesse instrução, sabia que seria mais feliz com uma esposa pouco instruída. Disse para si mesmo que desde que a esposa fosse capaz de gerar filhos, manter o quarto limpo e lavar sua roupa, estava perfeitamente satisfeito.” (EMECHETA, 2017, p.281).

² These myths about the woman have been in existence since primordial times and they authenticate the belief that motherhood is an essential part of being a woman, outside which the woman is empty. It is no longer a secret that the Nigerian woman considers herself a real woman only when she has proved herself to be fertile and the "halo of maternity" shines over her. This holds true for most women in Africa where the index of motherhood is used to define "real" women or responsible woman. (Texto Original)



Os pais detinham poder sobre as filhas, e as filhas ao se casarem se tornavam posse dos maridos e seus filhos, reafirmando as palavras de Beauvoir (2009, p.548): “[...] integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pais e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens”.

Na obra temos uma outra personagem feminina de bastante relevância, a Adaku. Herdada a Nnaife, como esposa após a morte do irmão, pois a responsabilidade sobre as viúvas passava para um parente em caso de morte, na cultura *igbo*.

Ela não conseguia ter filhos homens, o que gerou uma pressão emocional. Então, decide libertar-se do modelo criado para as mulheres, saindo do lar poligâmico, disposta a se tornar prostituta, em prol de criar as suas filhas longe do modelo patriarcal. “Quanto mais eu penso no assunto, mais me dou conta de que nós, mulheres, fixamos modelos impossíveis para nós mesmas. Que tornamos a vida intolerável umas para as outras. Não consigo corresponder a nossos modelos, esposa mais velha. Por isso preciso criar os meus próprios.” (EMECHETA, 2017, p. 234)

Adaku tentou se encaixar aos padrões propostos, mas, possuía uma chama feminista, quebrando o ciclo em sua vida e nas suas gerações futuras. “Quanto às minhas filhas, elas vão ter de tomar suas próprias decisões neste mundo. Não estou disposta a ficar aqui e deixar que me enlouqueçam só porque não tenho filhos homens.” (ibidem).

Essas palavras dialogam com a Adichie (2014, p.15):

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente.

Adaku enxergou essa necessidade do rompimento do modelo patriarcal, e mesmo enfrentando desafios, sendo lançada as margens da sociedade, ela preferiu isso, a aceitar a definição de “mulher” atribuída a ela, como uma esposa em um casamento poligâmico e mãe de meninos, em prol de como recompensa ter um “enterro descente”.

Conforme as palavras de Beauvoir (2009, p.307), “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino”. O papel da mulher não está definido



por ter nascido do sexo feminino, mas, é a sociedade que cria, que elabora esse espaço, renegando as que não seguem a definição atribuída ao “ser mulher”.

A princípio, Nnu Ego crer na autenticidade do padrão criado para as mulheres, mas, a vida, enfrentar os dois paralelos, a sua cultura, tradição, e a Nigéria colonial, faz com que ela comece a questionar o padrão criado para as mulheres. “Quem foi quem escreveu a lei que nos proíbe de investir nossas esperanças em nossas filhas? Nós, mulheres corroboramos essa lei mais que ninguém. Enquanto não mudarmos isso, este mundo continuará sendo um mundo de homens, mundo esse que as mulheres sempre ajudarão a construir.” (EMECHETA, 2017, p. 259)

Além das reflexões levadas pelas suas próprias vivências, o posicionamento firme da Adaku faz com que Nnu Ego passe a refletir mais sobre o tema. “Estou começando a achar que talvez haja um futuro para as mulheres instruídas. Vi muitas jovens ensinando nas escolas. Seria realmente uma grande conquista para as mulheres, serem capazes de ganhar algum dinheiro mensalmente como os homens”, disse Nnu Ego, com o olhar perdido na distância.” (EMECHETA, 2017, p. 263)

Nnu Ego, dedicou-se a construir uma vida, baseando as suas alegrias restritamente a ser mãe, mas, como os filhos homens mais velhos tiveram acesso à educação graças ao esforço da mãe, saíram do país, e a deixaram para trás. E se concentrou em ser uma esposa e viu que nada disso trouxe os resultados esperados, morreu sozinha às margens de uma estrada.

Após a sua morte ela foi “santificada” e mulheres inférteis se dirigiam a ela clamando por filhos e ela jamais as atendia, ou seja, ela não queria que as mulheres continuassem seguindo as crenças antigas, que a maternidade deixasse de ser o propósito das mulheres. Essa alteração em sua visão próximo da morte, teve relação com o fato de que ela viveu durante um período de grande transição na Nigéria, a colonização trouxe mudanças nos hábitos, crenças, modo de viver e ressignificou a vida, e ela entre esses dois mundo não teve tudo o que esperava. O que ela desejava era ter filhos que se encaixa-se no padrão da sua criação igbo. “Sua alegria era saber que criara os filhos, mesmo que no começo não tivessem nada, e que aqueles mesmo filhos um dia poderiam andar ombro a ombro com os grandes homens da Nigéria, era essa recompensa que esperava” (EMECHETA, 2017, p. 279)

Ela não ambicionava que eles se tornassem grandes homens no mundo, mas, o colonialismo e o capitalismo alteraram o rumo de sua trajetória. Talvez se ela tivesse vivido no isolamento da Nigéria antiga em Ibuza, tivesse morrido conformada, mas o fato de ter exposto os filhos a Nigéria colonial alterou o ciclo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da narrativa vimos que “As alegrias da maternidade” é um título carregado de ironia, que reflete os sonhos vividos por mulheres em uma sociedade patriarcal que eram obrigadas a resumir as suas alegrias por meio da concretização do único propósito atribuído ao gênero feminino, mas, que nem sempre resultava em verdadeiras alegrias.

Observamos que através do casamento e da maternidade em um espaço que mesmo seguindo as tradições locais, estava fortemente corrompido pelo colonialismo e suas crenças, a vida e criação dos filhos da Nnu Ego foram influenciados. Desde o deslocamento de Ibuza até Lagos, ao trabalho do seu marido como lavador de roupas, até a criação dos seus filhos. O que a levou a beira da morte a solidão, a dor de uma mãe e esposa abandonada a modificar a sua forma de pensar, e assim não atender aos desejos de suas descendentes de se tornarem mães. Rompendo a corrente existente que colocava a mulher na posição de “mulher completa”, de forma restritiva ao se tornarem esposas, e mães, principalmente se gerarem filhos homens.

Adaku, representa as mulheres que se opuseram ao modelo patriarcal, preferindo se colocar as margens da sociedade, em prol de um rompimento do ciclo atribuído as mulheres em suas filhas.

A obra reivindica um olhar a literatura nigeriana, e a representação das mulheres através da voz feminina, retratando um momento histórico, e trazendo um tema recorrente em debates da atualidade, a questão da subjugação do papel da mulher, a necessidade de serem esposas e mães para se encaixarem a definição criada do “ser mulher”.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AKUJOBI, R. **Motherhood in African Literature and Culture. Comparative Literature and Culture**. West Lafayette, v.13, abr., 2011. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/clcweb/vol13/iss1/2/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.



CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

EMECHETA, B. **As alegrias da maternidade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.